



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS-III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

CRISLANY KELLY DA SILVA SANTOS

**BULLYING NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE PREVENÇÃO E COMBATE AO
BULLYING NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA LIA BELTRÃO EM
ALAGOINHA – PB**

GUARABIRA-PB

2019

CRISLANY KELLY DA SILVA SANTOS

**BULLYING NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE PREVENÇÃO E COMBATE AO
BULLYING NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA LIA BELTRÃO EM
ALAGOINHA – PB**

Trabalho de Conclusão de curso (Monografia)
apresentado à coordenação/Departamento do
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Rônia Galdino Costa

GUARABIRA-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237b Santos, Crislany Kelly da Silva.
Bullying na escola [manuscrito] : uma proposta de prevenção e combate ao bullying na Escola Municipal Professora Lia Beltrão em Alagoinha-PB / Crislany Kelly da Silva Santos. - 2019.
39 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Esp. Rônia Galdino da Costa , Departamento de Educação - CH."
1. Bullying. 2. Violência. 3. Estratégias de Prevenção. I.

Título

21. ed. CDD 371.58

CRISLANY KELLY DA SILVA SANTOS

**BULLYING NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE PREVENÇÃO E COMBATE AO
BULLYING NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA LIA BELTRÃO EM
ALAGOINHA – PB**

Trabalho de Conclusão de curso (Monografia)
apresentado à coordenação/Departamento do
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovada em: 19/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Rônia Galdino da Costa

Profa. Esp. Rônia Galdino Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Monica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof^ª. Ms. Monica de Fátima Guedes de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Sheila Gomes de Melo

Prof^ª. Ms. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pela sustentação e fé.

À professora Rônia Costa, pela paciente contribuição em minha formação acadêmica, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, pela dedicação e compreensão na construção e realização deste trabalho, orientando e colaborando com suas ideias através de uma postura ética e priorizando o respeito e consideração por minhas opiniões. Além disso, agradeço por contribuir de forma tão significativa para o meu desenvolvimento intelectual.

Aos meus pais Cícero e Cícera, aos meus irmãos Lucas e Laryssa, ao meu companheiro e amigo Higor, pela paciência e compreensão.

Agradeço em especial à minha tia Vera Gomes que, mesmo distante, nunca me negou apoio e sempre demonstrou estar comigo nos momentos de dificuldade.

Por fim, agradeço a todos que, de maneira direta ou indireta, colaboraram para a realização deste projeto.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1.....	22
GRÁFICO 2.....	23
GRÁFICO 3.....	24
GRÁFICO 4.....	25
GRÁFICO 5.....	26
GRÁFICO 6.....	27
GRÁFICO 7.....	28

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.....	21
TABELA 2.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. RELATOS DE CASOS DE BULLYING ESCOLAR.....	13
2.1. Caso Júlio.....	14
2.2. Caso Fernanda.....	15
2.3. Caso Alberto.....	16
2.4. Caso Júlia Rebeca.....	17
3. PESQUISA DE CAMPO.....	20
4. ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO A- CARTA DE ENCAMINHAMENTO.....	36
APÊNDICE- QUESTIONÁRIO.....	37

BULLYING NA ESCOLA: PROPOSTA DE PREVENÇÃO E COMBATE AO BULLYING NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA LIA BELTRÃO EM ALAGOINHA – PB

Crislany Kelly da Silva Santos¹

RESUMO

O Bullying é uma palavra de origem inglesa designada por um conjunto de atos violentos que se repetem por um determinado período. No âmbito educacional, as consequências do bullying podem afetar desde a esfera individual do aluno até toda a dinâmica escolar. O bullying escolar tem aumentado gradualmente nos últimos anos e é um fenômeno que gera, efetivamente, uma enorme inquietação nas escolas. De acordo com Silva (2015), esse problema ocorre em todas as escolas, independentemente da tradição, da situação financeira, ou da localização. O objetivo deste estudo é sugerir estratégias de prevenção e combate ao bullying na Escola Municipal de Ensino fundamental Lia Beltrão localizada em Alagoinha-PB. Nesse sentido, foi realizado um aprofundamento teórico sobre o tema proposto, em seguida desenvolvida uma pesquisa qualitativa analítica com 8 docentes na qual utilizamos como instrumento um questionário contendo 9 questões a respeito do bullying escolar. Após a coleta dos dados, foi feita uma análise do material procurando comparar os resultados encontrados com o referencial teórico exposto. Para tanto, faremos um diálogo com os autores Gabriel Chalita (2008), Cleo Fante(2005), Silva (2015), Gil (2002) e Gonçalves (2001). A questão que norteou a pesquisa foi confirmada, fato que comprovou que as falhas existentes nas Leis antibullying colaboram para que instituições de ensino deixem de elaborar estratégias que combatam o bullying, bem como não ofereçam a capacitação necessária para os profissionais envolvidos no sistema de ensino deixando, assim, de cumprir suas responsabilidades perante a sociedade,

PALAVRAS – CHAVE: Bullying. Estratégias de prevenção. Violência Escolar.

¹ Aluna de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba.

E-mail: kss14081994@gmail.com

BULLYING AT SCHOOL: PROPOSAL FOR PREVENTION AND COMBATING SCHOOL BULLYING AT ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA LIA BELTRÃO IN ALAGOINHA – PB

ABSTRACT

Bullying is a word of English origin designated by a set of violent acts that repeat for a certain period. In the educational field, the consequences of bullying can affect from the individual student sphere to the whole school dynamic. Bullying at school has been steadily increasing in recent years and is a phenomenon that has generated enormous unrest in schools. According to Silva (2019), this problem occurs in all schools, regardless of tradition, financial situation, or location. The aim of this study is to suggest strategies to prevent and combat bullying at the Lia Beltrão Elementary School, in the city of Alagoinha, PB. In this sense, a theoretical deepening was performed on the proposed theme, followed by a qualitative analytical research with 8 teachers, where we used as a questionnaire containing 9 questions about school bullying. After data collection, an analysis of the material was made, seeking to compare the results found with the theoretical framework exposed. Therefore, we will make a dialogue with the authors Gabriel Chalita (2008), Cleo Fante (2005), Silva (2010), Gil (2002) and Gonçalves (2001). The hypothesis that guided the research was confirmed and it was proved that the flaws in the Anti-Bullying Laws, collaborate so that educational institutions to stop elaborating strategies that combat Bullying, as well as do not offer the necessary training to the professionals involved in the education system. Thus fail to fulfill its responsibilities to society.

Keywords: Bullying. Prevention strategies. School violence.

1. INTRODUÇÃO

Atitudes violentas sempre estiveram presentes em nossa sociedade, independentemente dos distintos locais e modos de vida humana. Atualmente, esses atos encontram-se de modo resistente dentro do meio escolar. Como se sabe, a escola é um ambiente onde a criança passa por um período de socialização e começa a conviver com outros indivíduos a fim de se tornar um ser capaz de cumprir seus deveres e reconhecer seus direitos perante o grupo ao qual ela pertence.

No decorrer de muito tempo, práticas como apelidar ou debochar de alguém eram vistas como naturais da infância e da relação entre as crianças e adolescentes dentro das escolas. Porém, tais condutas começaram a ser observadas de forma diferente por causa de situações críticas que vêm acontecendo em todo o mundo envolvendo indivíduos que chegam a agredir seus pares e tornar a vida de outros um pesadelo. Nos dias atuais, essas atitudes passaram a ser denominadas como bullying, violência essa que sempre existiu, mas que nunca foi compreendida.

Segundo Silva (2015), foi na década de 1970 que se despertou na Suécia o interesse sobre os problemas acarretados a partir de situações de bullying por razão da violência entre os estudantes. A partir de então, iniciou-se uma série de estudos não aprofundados em alguns países escandinavos. Apesar do interesse por partes dos pais de trazer à tona todo o sofrimento pelo que passavam seus filhos dentro das escolas, em alguns países, tais como a Noruega, as autoridades responsáveis pelo âmbito educacional não se importavam nem tentavam amenizar a situação. Tal fato só começou a mudar depois da ocorrência de suicídios entre crianças que demonstraram sofrer maus tratos advindos de colegas em escolas norueguesas. Diante disso, pesquisas foram realizadas com a finalidade de identificar esse fenômeno, assim como, também, o combate dele.

Bullying é uma situação de agressão física ou psicológica que possui características distintas de outros atos violentos. Esse é um problema existente desde muito tempo. Pode-se acreditar que é tão antigo quanto a escola como conhecemos hoje. Esse fenômeno já causou, e ainda causa, muito sofrimento, traumas físicos e emocionais em crianças e adolescentes.

Silva (2015) afirma que no Brasil pesquisas “relacionadas ao bullying só começaram a surgir no final dos anos 90 e início dos anos 2000 através do trabalho incessante de profissionais comprometidos com a educação”. Além disso, a ABRAPIA (Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência) foi a primeira ONG a realizar pesquisas relacionadas ao fenômeno dentro das escolas, permitindo assim que a população brasileira ouvisse pela primeira vez o termo bullying.

A autora Fante (2005, p. 28-29) define de forma concisa o termo bullying. De acordo com ela, “bullying é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e

infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do "comportamento bullying".

Diante disso, concebemos o bullying como um episódio injustificável que advém de uma violência na qual os agressores escolhem suas vítimas muitas vezes pelo fato delas se mostrarem “diferentes” e não seguirem o padrão imposto pela sociedade, seja pela cor da pele, opção religiosa, condição financeira, aparência física ou outros pontos. Como já foi dito, um dos ambientes onde mais acontece esses casos de bullying é na escola pelo fato de que, tanto as crianças quanto os adolescentes, estão em fase de formação de caráter e possuem a necessidade de se auto afirmar. Nesse ínterim, essa pode ser uma das razões que fazem eles não aceitarem as diferenças e terem, como consequência, atitudes discriminatórias.

Diariamente, educandos de todas as partes do mundo sofrem com atos de violência que se disfarçam através de brincadeiras de mau gosto praticadas por seus próprios colegas de classe. É notório que a violência dentro das escolas vem tomando uma grande proporção entre todas as classes sociais. Dentre tantas outras violências, destacamos o bullying, pois o consideramos ser um mau súbito que assola toda a nossa sociedade deixando-a doente.

Na atualidade as questões que envolvem o tema da violência nas escolas têm motivado numerosas discussões e reflexões de educadores de várias partes do mundo. Há um clima de perplexidade diante de atitudes cruéis que ferem diretamente um indivíduo porque, indiretamente, ferem a sociedade (CHALITA, 2008, p. 8)

A gravidade da questão se confirma por meio de estudos recentes. Um exemplo é o realizado com apoio do Ministério da Educação pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em 2015, conhecido como Diagnóstico Participativo da Violência que revelou que 69,7% dos estudantes declaram ter presenciado alguma situação de violência dentro da escola. A preocupação com o bullying que ocorre dentro das escolas é tão necessária que se incluiu o fenômeno na Pesquisa Nacional da Saúde da Escola (PeNSE) de 2015. Nesse estudo, concluiu-se que 7,4% dos estudantes já se sentiram ofendidos ou humilhados e 19,8% declararam que já praticaram alguma situação de intimidação, deboche ou ofensa contra algum de seus colegas. Diante desse contexto, a escola, que foi por muito tempo considerada um local seguro, agora traz casos preocupantes se desenvolvendo ao longo do tempo.

Isto posto, objetivamos sugerir estratégias de prevenção e combate ao bullying que possam ser aplicadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Lia Beltrão em Alagoinha – PB que venham possibilitar uma transformação do ambiente escolar, tornando-o um local cheio de companheirismo e de respeito às diferenças. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: Conceituar o Bullying e reconhecer sua prática entendendo como esse fenômeno acontece no meio escolar e os seus efeitos tanto para quem pratica quanto para quem é vítima, compreender as leis 13.185/15 e a 13.663/18 que embasam o trabalho de prevenção ao bullying na escola e elaborar estratégias de intervenção, prevenção e combate ao bullying.

Diante disso, a estima por esta pesquisa surgiu a partir do momento em que se torna visível as constantes situações de violência desencadeadas por esse fenômeno na Escola Lia Beltrão. Levantamos como hipótese o fato de que, mesmo com existência de leis que obrigam

as instituições de ensino a elaborar programas antibullying e capacitar seus docentes, a maioria não os desenvolvem por razão de lacunas existentes nas leis de combate à intimidação sistemática (bullying).

Devemos, portanto, enxergar a necessidade de conhecimento sobre o tema, de forma que envolva todo o corpo docente além dos outros profissionais que prestam serviço na Escola Lia Beltrão como forma de combater as possíveis ocorrências do bullying. Sendo assim, esta pesquisa foi realizada para que, de alguma forma, venha garantir aos envolvidos com a gestão escolar mais ferramentas para lidar com a prática do bullying, já que, nos dias atuais, o mesmo tornou-se realidade em nossa sociedade vindo a afetar de forma direta a vida dos indivíduos.

No primeiro capítulo foi exposto o conceito do bullying procurando entender como surgiu, buscando compreender como o fenômeno se dá dentro da escola, além de trazer à tona as consequências acarretadas por esse fenômeno. Nesse contexto, o segundo capítulo trará a pesquisa de campo e a análise de todo o material coletado no ambiente onde foi realizada a pesquisa. Por fim, o terceiro capítulo define as estratégias que objetivam prevenir e combater o bullying na Escola Professora Lia Beltrão no município de Alagoinha – PB.

2. RELATOS DE CASOS DE BULLYING ESCOLAR

Recordo-me de um caso de 'bullying' que ocorreu comigo na infância. Estudava numa escola pública na cidade do interior pernambucano chamada Tabira. Tinha em torno de 11 anos e sempre apanhava de alguns colegas de turma que se mostravam valentões, bravos. E eu tinha muito medo deles, acredito que deixava transparecer isso sem mesmo perceber. Acontece que sempre fui muito aplicado, dedicado aos estudos e tinha como melhor amigo um garoto grandão, valentão também, porém não se metia em confusão. Ele, apesar de valentão, era meio desligado dos estudos e sempre tirava notas baixas nas provas, então aproveitei esta deficiência dele e propus um acordo: ele me livrava dos valentões nas brigas corriqueiras e eu o ajudava nas provas, assim conseguia sempre me livrar das surras e os ditos 'bulls' me deixavam em paz. Até hoje me lembro desses episódios na infância, o grupo de valentões vinha em minha direção e meu amigo, de imediato, tomava a frente e botava todos pra correr [...]. (O GLOBO, 2009)

Mas, de onde surgem esses atos violentos? Quais os motivos que fazem esses comportamentos aflorarem em nossas crianças e adolescentes? Talvez, a resposta esteja bem próxima a nós, ou seja, dentro de nossos lares. Vivemos em um período de distorção de valores éticos e morais. Os pais estão muito permissivos em relação aos seus filhos, o que acaba os tornando seres exigentes, egoístas, individualistas e incapazes de aceitar regras impostas. Além disso, a mídia influencia diariamente impondo um padrão estético a ser seguido, o que impacta diretamente nas relações do meio escolar, já que essas crianças e adolescentes tendem a se comportar como em suas casas. É certo, pois, que não estão sendo preparados para conviver em um ambiente diversificado e coletivo como é a escola.

2.1 Caso Júlio

A seguir, veremos um depoimento retirado do site *O Globo* que relata episódios de bullying acontecidos na escola:

Júlio (nome fictício), 15 anos, está no 6º ano de uma escola pública do DF. Começou a estudar lá este ano e foi quando os problemas começaram. Desde o início do ano, Júlio vem sendo agredido dentro da escola. Seus algozes o golpeiam nas costas. Uma vez, atirou-se uma maçã contra ele. Foi necessário que a direção olhasse as câmeras de segurança para identificar o agressor e comprovar o ocorrido. Ele é frequentemente desacreditado. Alguns professores são mais solidários, mas, na prática, não o ajudam. Ele faz rap e, quando decidiu usar seu talento para revidar as agressões e colocar os sentimentos para fora, foi reprimido pela escola. Ele tem transtorno de déficit de atenção, hiperatividade e dislexia, distúrbio que afeta a aptidão para leitura. Por essas dificuldades, é chamado de burro pelos colegas. Quase todo mês, a mãe tenta sensibilizar a coordenação para o caso. O filho já desistiu: “Fico constrangido. Nem na direção eu vou mais, porque não resolve. O diretor disse até que, se eu for reclamar de novo, ele vai me dar suspensão.” Outro alvo de chacota são as espinhas no rosto de Júlio, agora mais amenas graças a um tratamento. Mesmo com a melhora, os colegas continuam implicando. Encontraram outro motivo: o protetor solar que precisa passar diariamente para evitar manchas. Dizem que é maquiagem. A mãe dele se preocupa também porque o remédio que toma para diminuir as marcas na pele deixa o paciente suscetível à depressão — uma associação perigosa para vítimas de bullying. “Eu já falei na diretoria: a gente leva nossos filhos para a escola achando que vai ter segurança e acontecem essas coisas. Se ele não está seguro lá, onde vai estar?”. (O GLOBO, 2009)

De acordo com Silva (2015, p. 12), a escola é “co-responsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes. A direção da escola (como autoridade máxima da instituição) deve acionar os pais, os conselhos tutelares, os órgãos de proteção à criança e ao adolescente. Caso não o faça, poderá ser responsabilizada por omissão[...].”

Segundo o autor Chalita (2008), o primeiro a se referir ao bullying como um fenômeno supostamente responsável por atos suicidas foi o psicólogo norueguês Dan Olweus (1978) que descobriu que a maioria dos jovens que tinham tendência de tirar a própria vida já tinham sofrido humilhações ou foram agredidos em algum momento do seu cotidiano.

Olweus (1993) define o bullying através de três termos:

Comportamento executado de forma repetitiva, ou seja, a frequência com que essa violência acontece;
Desequilíbrio de força ou desequilíbrio de poder;
Intenção das agressões, quando se tem a real intenção de machucar ou ferir de forma física ou psíquica outro indivíduo.

Baseado na lei 13.185/15, o bullying pode ser definido por 8 conceitos, tais são listados a seguir:

Bullying Físico: considera-se bullying físico o ato de socar, chutar, agredir um colega de forma repetitiva;
Bullying Psicológico: trata-se dos casos de perseguição, intimidação, dominação, manipulação, entre outros gestos maldosos;

Bullying Moral: caracteriza-se pela difamação e calúnia sobre um indivíduo;
Bullying Verbal: insultos, xingamentos, apelidos que destruam a auto-estima de uma pessoa;
Bullying Sexual: refere-se ao assédio, e ao abuso sexual sobre determinada pessoa;
Bullying Social: trata-se ao fato de ignorar, isolar, e excluir um indivíduo do convívio social;
Bullying Material: está associado aos furtos, roubos, e destruição dos pertences de alguém;
Bullying Virtual: caracteriza-se pela humilhação através das redes sociais, como o envio de fotos, vídeos, ou até mesmo, falsificar dados pessoais, visando constranger tal pessoas; (BRASIL, 2015)

A autora Fante (2008, p.36) fez uma síntese dos tipos de papéis exercidos pelos personagens do bullying:

Vítima típica: é aquela que serve de “bode expiatório” para um indivíduo (ou grupo de indivíduos); geralmente pouco sociável, sofre repetidas agressões sem dispor de recursos, *status* ou habilidades de reação para fazer cessar tais agressões. Geralmente, apresentam algumas características que o deixa em situação desagradável em relação aos demais: são muito altos ou muito baixos; as vezes são muito magros ou gordinhos; possuem nariz ou então as orelhas avantajadas, são as chamadas “orelhas de abano”, enfim, tudo que os distancie do padrão social, pode levá-los a ser a próxima vítima.

2.2 Caso Fernanda

Fernanda, desde muito nova, apresentava problemas relacionados a seu peso corporal. No colégio, ela sempre recebia apelidos pejorativos do tipo “baleia”, “bola” e “balofa”. Tanto os meninos quanto as meninas a discriminavam por ser diferente do modelo imposto pelo grupo e evitavam um contato mais estreito. Sua autoestima já estava bastante abalada em função das constantes humilhações, o que a fazia travar verdadeiras batalhas contra a balança. Aos catorze anos, Fernanda não suportou a pressão e, para sua própria sobrevivência emocional, decidiu emagrecer a qualquer custo. Ela descobriu na internet um site de relacionamento que ensinam fórmulas mágicas para perder peso e torna-se um modelo de beleza feminina. Grande cilada! Sem que os pais percebessem, Fernanda passou a fazer dietas rigorosas, com jejuns prolongados. Quanto mais emagrecia, mais pensava em emagrecer de forma obsessiva. Aos dezesseis anos, a jovem se tornou escrava da magreza inatingível e autodestrutiva. Ela sofria de anorexia nervosa e estava sem as condições mínimas necessárias para ser considerada um pessoas saudável. Seu estado físico e mental exigia um tratamento clínico, com acompanhamento psiquiátrico, psicológico e nutricional. (SILVA, 2015, p. 36-37)

Segundo Fante (2008), a vítima provocadora é aquela que provoca e atrai reações agressivas sem conseguir lidar com as consequências, além de ser hiperativa, inquieta dispersiva e ofensora. É, de modo geral, tola, de costumes irritantes e quase sempre responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra. Por outro lado, a agressora é aquela que reproduz os maus-tratos sofridos na escola, tende a agredir indivíduos mais frágeis do que ela transferindo os maus-tratos sofridos e perpetuando, desse modo, a violência o número de vítimas. Por fim, temos que o agressor é aquele que vitimiza os mais frágeis, costuma manifestar pouca empatia, bem como necessidade de dominar e subjugar os outros,

manifesta necessidade de conseguir aquilo que se propõe através de ameaças, além de sua tendência à impulsividade e baixa resistência à frustração.

2.3 Caso Alberto

Alberto sempre foi um menino difícil e diferente das outras crianças. Desde muito cedo, seus pais perceberam que ele era muito levado em relação aos outros amiguinhos da mesma idade. Extremamente desafiador, bastava ser contrariado que partia para travessuras perigosas. Certo dia, ao ser repreendido pela mãe, não vacilou: enquanto estava distraída, chamou o irmão mais novo e, na frente dele, ligou a torradeira e colocou a pata do cachorrinho da família ali dentro. Enquanto a animal gemia de dor e o irmão chorava diante tudo isso, Alberto ria e dizia: “deixa de ser besta, seu imbecil! Tá parecendo uma menina mimada!”. Seus pais gritaram com Alberto e deixaram-no de castigo no quarto pelo resto do dia. Naquela mesma oportunidade, o garoto retalhou o colchão do irmão com uma lâmina enquanto estava no castigo. Alberto ainda não havia completado onze anos, e essas atitudes eram, no mínimo preocupantes. Sempre muito inteligente na escola, Alberto, nunca apresentou problemas com repetência, mas, era muito indisciplinado, briguento e displicente. Sentava-se no fundão da sala e, junto com os que lhe acompanhava, xingava, batia, intimidava os mais frágeis, de forma sistemática. Com dezesseis anos o adolescente fazia bagunças pela rua juntamente com a sua gangue, para se divertir eles: chutavam as portas das lojas, agredia os mendigos e aterrorizavam as pessoas. Tudo isso, à base de muita droga. Suas notas na escola começaram a cair, as faltas aumentaram e os para completar tocava o terror no ambiente escolar. A partir disso, Alberto tornara-se um delinquente, sem que ninguém mais tivesse controle sobre o mesmo. (SILVA, 2015, p. 42-43)

Para Fante (2008), o Espectador é o aluno que presencia o bullying, porém não o sofre nem o pratica. Representa a grande maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio. Pode-se classificar em espectadores passivos (quando aceitam essa posição pelo medo de se tornar a próxima vítima), espectadores ativos (não participam das agressões e demonstram apoio aos agressores) e espectadores neutros (os que, por razão de sua realidade familiar ou de seu dia a dia, não se preocupam nem um pouco com as situações de bullying).

As consequências do bullying escolar são devastadoras, ficam marcadas e perpetuadas por toda a vida de uma criança. Trata-se de sequelas que destroem a autoestima da vítima, afetando seu rendimento escolar, suas relações sociais e a visão de mundo. De acordo com SILVA (2015, p), as consequências causadas pelo bullying são as mais variadas possíveis, dependendo muito de cada indivíduo, da forma e intensidade das agressões e das suas vivências. Entretanto, esse fenômeno causa um grande sofrimento a todas as suas vítimas e os seus efeitos não se limitam ao momento presente, podendo contaminar, ainda, sua infância de forma irreversível até alcançar a vida adulta.

SILVA (2015, p. 24-25) menciona, também, problemas psicossomáticos, transtorno de pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada, assim como agravar problemas preexistentes devido à continuidade da exposição de estresses a que a vítima é submetida. Além disso, existem casos mais graves como homicídio, esquizofrenia e o suicídio.

As consequências não atingem apenas as vítimas, elas estão presentes na vida dos agressores e também daqueles que ocupam o lugar de espectadores. Esses indivíduos, geralmente, se tornam pessoas manipuladoras, arrogantes e desenvolvem liderança de uma forma negativa. Possivelmente, usam da violência para alcançar posição de destaque e conduzem-se à criminalidade, pois os praticantes de bullying têm muitas chances de tornar-se delinquentes pelo fato de não possuírem limites e obediência às regras da sociedade.

Sabemos que a mente humana é capaz de desenvolver importantíssimas ferramentas que possam auxiliar no crescimento da sociedade, porém deve-se ter a consciência de usá-las para o bem de todos. Lamentavelmente, algumas dessas ferramentas tecnológicas vêm sendo utilizadas de maneira errônea e sem nenhum bom senso. Recentemente, surgiu uma nova modalidade de violência moral e psicológica que foi definida como bullying virtual ou cyberbullying, uma violência praticada através de meios tecnológicos que acontece principalmente pelas redes sociais. Na realidade, é uma continuação do fenômeno que ocorre nas salas de aula, tendo como diferença o anonimato dos praticantes.

O Cyberbullying é um grande exemplo de que os componentes da nossa sociedade, em especial os praticantes dessa modalidade, utilizam-se de instrumentos modernos como a internet para constranger e maltratar suas vítimas. Essa violência vai além dos muros das escolas e torna-se cada vez um ponto preocupante para pais e professores.

E-mails ameaçadores, mensagens negativas em sites de relacionamento e torpedos com fotos e textos constrangedores fazem com que o cyberbullying se diferencie em muito do bullying tradicional, já que no bullying tradicional os praticantes podem ser reconhecidos e repreendidos, ao contrário da violência virtual que permite uma camuflagem para seus praticantes tornando cada vez mais difícil a identificação.

Os praticantes de bullying se utilizam de todas as possibilidades que os recursos da moderna tecnologia lhes oferecem: e-mails, blogs fotologs, redes sócias (Facebook, Twitter, Google+), sites de vídeos como YouTube, SMS, aplicativos de mensagens e grupos em celulares, como o WhatsApp etc. Valendo-se do anonimato, os bullies inventam mentiras, espalham rumores, boatos e insultos sobre outros estudantes [...] (SILVA, 2015, p. 135)

2.4 Caso Júlia Rebeca

A morte da adolescente Piauiense Júlia Rebeca, em Parnaíba, comoveu toda a população na cidade no Norte do Estado. Foi pelas redes sociais que a jovem Júlia anunciou o dia da própria morte. Tudo aconteceu depois que um vídeo íntimo entre ela, um rapaz e outra adolescente, filmado pela própria jovem, vazou para as redes sociais através do aplicativo de mensagens WhatsApp. Após o vídeo íntimo ser espalhado no WhatsApp, Júlia Rebeca anunciou sua morte pelo Twitter. Ela foi encontrada morta dentro do quarto, enrolada no fio da própria chapinha, no dia 10 de novembro 2013.

A data foi postada em uma mensagem através do Instagram e do Twitter da jovem que dizia: *“Eu te amo, desculpa eu n ser a filha perfeita mas eu tentei... desculpa eu te amo muito mãezinha (...) Guarda esse dia 10.11.13 [sic]”*. Outras mensagens deixadas no Twitter da

jovem também chocaram os familiares, como as frases “É daqui a pouco que tudo acaba.” Logo em seguida: “E tô com medo mas acho que é tchau pra sempre”. (PESSOA, 2014)

Segundo a pesquisa realizada pela Ipsos (Instituto de pesquisa), o Brasil está como o segundo país com maior ocorrência de crimes virtuais do mundo. Dados mostraram que o país fica atrás somente da Índia que tem 35%. Ambos superam bastante a média global de 17%. Para essa pesquisa foram entrevistadas 20.793 pessoas em 28 países. Segundo os resultados, em 65% dos casos as redes sociais foram usadas como ferramentas para praticar as agressões. Em seguida, aparecem os smartphones que são usados em 45% das ocorrências de bullying.

Apesar da aparente “blindagem” possibilitada pelo cyberbullying, felizmente, nos dias atuais, já é possível rastrear e identificar os autores do bullying através da análise do endereço de IP (uma espécie de endereço que registra e identifica qualquer ponto de acesso à internet). O IP pode ser descoberto por meio de uma investigação policial autorizada pelo poder judiciário.

Referindo-se à legislação, logo de início, o Brasil teve um avanço muito desfavorável em relação ao combate ao bullying escolar. Passou-se muito tempo sem que as vítimas desse fenômeno pudessem encontrar amparo jurídico contra seus agressores. Porém, há alguns anos, foram sancionadas algumas leis referentes a esse assunto. Nesse sentido, entrou em vigor a lei 13.185/15 que define o que é bullying e o cyberbullying. Além disso, institui o programa de combate à intimidação sistemática. A referida lei não prevê punição severa para os praticantes do bullying e impõe um dever primário para as instituições, clubes, entre outros locais.

Antes de qualquer coisa, é preciso afirmar que a lei 13.185/15 trouxe para nossa sociedade um grande benefício ao reconhecer o bullying como um problema nacional que precisa de uma regulamentação própria. Além disso, promove o suporte e credibilidade às vítimas que agora possuem base em suas reivindicações e serve para alertar sobre esse fenômeno. Contudo, existem algumas lacunas na referida lei.

A Lei de nº 13.185/15 possui 8 (oito) artigos no total, foi instituída no dia 6 de novembro de 2015 e entrou em vigor 90 dias após a publicação, dia 7 de fevereiro de 2016. Um dos artigos que mais se destaca é o artigo 4º, composto por 9 (nove) incisos, nos quais identificamos os principais objetivos dessa lei. Conseguimos, também, observar alguns pontos vagos no contexto da mesma:

Art. 4º Constituem objetivos do Programa referido no caput do art. 1º :

I - prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (bullying) em toda a sociedade;

II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;

IV - instituir práticas de conduta e orientação de pais, familiares e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;

V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;

VI - integrar os meios de comunicação de massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;

VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;

IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (bullying), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar. (BRASIL, 2015)

O inciso I apresenta um dos principais objetivos que é prevenir e combater o bullying. O inciso II, por outro lado, relata que se deve haver uma capacitação dos docentes e da equipe pedagógica, só que não fica explícito o que acontecerá com as instituições que não cumprir tal requisito.

Caso tenha-se notado, o inciso VIII foi retirado do contexto acima de forma proposital pelo fato de que será através dele que perceberemos com muita clareza a falta de raciocínio por parte dos políticos que apoiam tal questão. Está presente no inciso VIII a seguinte afirmativa: - “evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil” (BRASIL, 2015). Essa afirmativa nos faz refletir sobre onde e como fica a vítima nisso. Será que estará segura dentro de uma escola que não possui ações de punição para seus agressores? Talvez essa seja a razão pela qual aqueles que se acham no direito de tornar a vida de um indivíduo um pesadelo jamais tenham a vontade de parar com seus atos desumanos, já que a lei não permite que eles sejam punidos, o que possibilita a impunidade.

É visível que a lei 13.185/15 é confusa em diversos pontos. Somando aos que já foram expostos, temos como exemplo o artigo 6º, onde se tem a informação de que “serão produzidos e publicados relatórios bimestrais das ocorrências de intimidação sistemática (bullying) nos Estados e Municípios para planejamento das ações”(BRASIL, 2015). A partir daí, surge uma outra dúvida: como que as instituições de ensino irão trabalhar na prevenção da intimidação sistemática se na própria Lei não há uma exigência para que as mesmas elaborem, publiquem e os enviem para as pastas do Governo Federal a fim de que se constate a sua veracidade?

Em 2018 foi sancionada a lei 13.663/18 que altera um artigo específico da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação): o artigo 12. Tal artigo regulamenta todo o sistema educacional em nosso país, desde a Educação Básica até o Ensino Superior. Nele foram adicionados os incisos IX e o inciso X:

Art. 1º O *caput* do art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescido dos seguintes incisos IX e X:

IX - promover medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, especialmente a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito das escolas;

X - estabelecer ações destinadas a promover a cultura de paz nas escolas. (BRASIL, 2018).

Na realidade, essa lei é uma adaptação da lei 13.185/15. Com isso, há uma reafirmação de que as escolas têm a obrigação de prevenir e combater a qualquer custo o bullying, além de precisarem promover uma cultura de paz no âmbito escolar.

Fica claro que a principal intenção ao incluir esses dois incisos na LDB foi fazer com que as escolas tornem-se mais atentas à realidade crescente de violência e agressividade do bullying. Contudo, é evidente que projetos antibullying nas escolas ainda são escassos e que o fato dessas leis terem sido aprovadas não asseguram que elas sejam cumpridas, já que muitas instituições de ensino ainda as desconhecem. Isso acontece por um único motivo: em nosso país não há um acompanhamento advindo do governo, não existem programas que possam orientar e fiscalizar nossas escolas. De nada adianta a produção legislativa se não houver investimento e uma fiscalização severa para que essas medidas sejam desenvolvidas pelos gestores e saiam do papel.

3. PESQUISA DE CAMPO

No referido estudo usou-se a pesquisa de campo que, para Gonsalves (2001), “é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto” [...]. Usou-se, também, a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”

Para tanto, o método de pesquisa utilizado no presente trabalho foi o de cunho qualitativo que, conforme Gil (2002), busca percepções e entendimento de forma geral sobre uma determinada questão com espaço para interpretação. É o tipo de pesquisa que a principal ferramenta de análise dos dados é o pesquisador, por isso, os dados só possuem coerência a partir de uma abordagem executada por ele:

Pesquisa qualitativa significa, na esteira de nossa argumentação, o esforço jeitoso de formalização perante uma realidade também jeitosa. Trata-se de uma consciência crítica da propensão formalizante da ciência, sabendo indigitar suas virtudes e vazios. Portanto, o que se perde com cada método. Ao mesmo tempo, uma pesquisa qualitativa dedica-se mais a aspectos qualitativos da realidade, ou seja, olha prioritariamente para eles, sem desprezar os aspectos também quantitativos. E vice-versa. (DEMO, 1998, p. 101).

Em suma, a pesquisa qualitativa é aquela em que a resposta do problema constrói-se a partir da interpretação de textos e números. Com isso, o resultado da pesquisa depende inteiramente do esforço do pesquisador.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal localizada no município de Alagoinha – PB. Esta escola possui um corpo docente formado por 36 professores, 11 funcionários e 298 alunos matriculados nos turnos manhã e tarde. A instituição acolhe alunos da zona urbana e da zona rural. Com relação aos aspectos físicos da escola, segue abaixo tabela explanando tais características:

TABELA 01 – Quadro demonstrativo dos aspectos físicos da escola

ITEM	QUANTIDADE	SITUAÇÃO
ESTACIONAMENTO	1	CONSERVADO
SALAS DE AULA	10	BOM ESTADO
CANTINA	1	CONSERVADO
SECRETÁRIA	1	PEQUENA
BEBEDOURO	1	PRÉCARIO
BANHEIRO	7	MAL CONSERVADO
PÁTIO DE RECREAÇÃO	1	PEQUENO

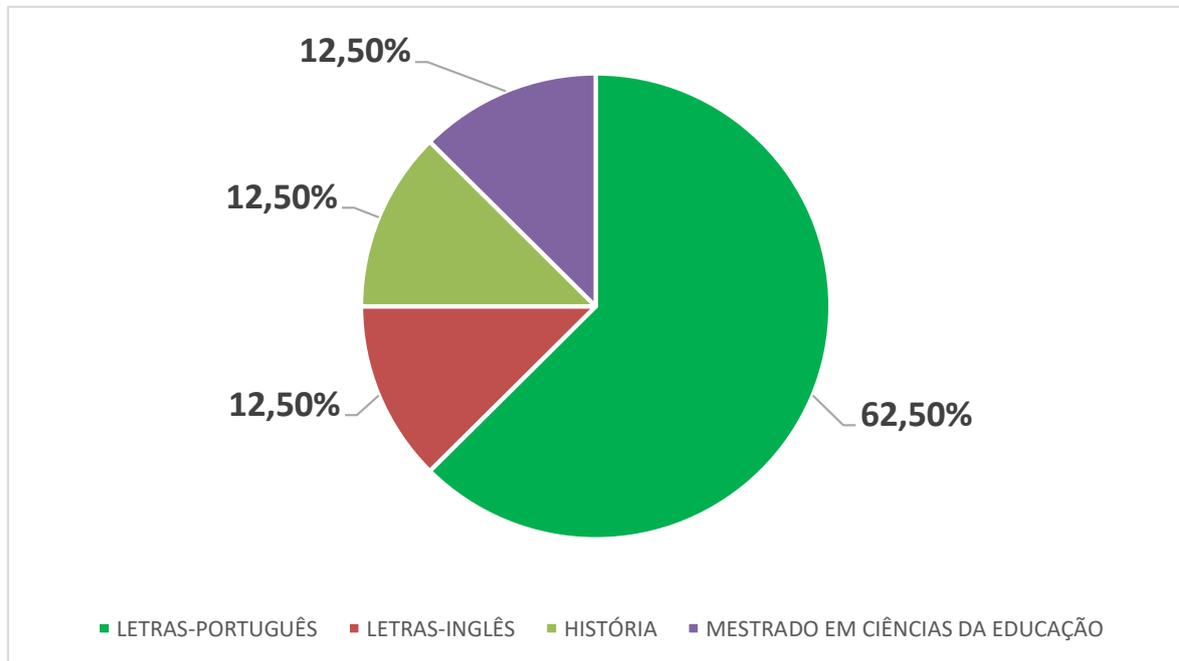
Autora, 2019.

Com o propósito de conhecer a fundo a Escola Municipal Professora Lia Beltrão e afirmando o intuito de tê-la como objeto de estudo, foi feita uma visita antecipada para que houvesse uma conversa introdutória com a direção e coordenação sobre o real objetivo da pesquisa. A partir disso, foi consentida a realização do presente estudo.

A pesquisa foi realizada no dia 16 de outubro de 2018 durante o período da tarde. De início, houve uma conversa com a diretora e vice-diretora com o objetivo de conhecer a realidade da escola em relação ao bullying escolar. Nesse momento, houve uma discreta resistência para transmitir informações sobre casos de Bullying naquele ambiente. Com o decorrer do tempo, a conversa foi tomando um rumo interessante para ambas as partes. A diretora, sendo muito atenciosa, respondeu as questões que foram levantadas. Após essa etapa, foi entregue um questionário para os professores que ali se encontravam. No total, 8 docentes que responderam às perguntas. É importante frisar todos responderam sem apresentar qualquer problema.

O questionário, que se encontra anexado no apêndice, foi constituído por questões referentes ao conhecimento sobre o tema Bullying e, também, sobre as intervenções realizadas pela escola para prevenir e combater esse fenômeno.

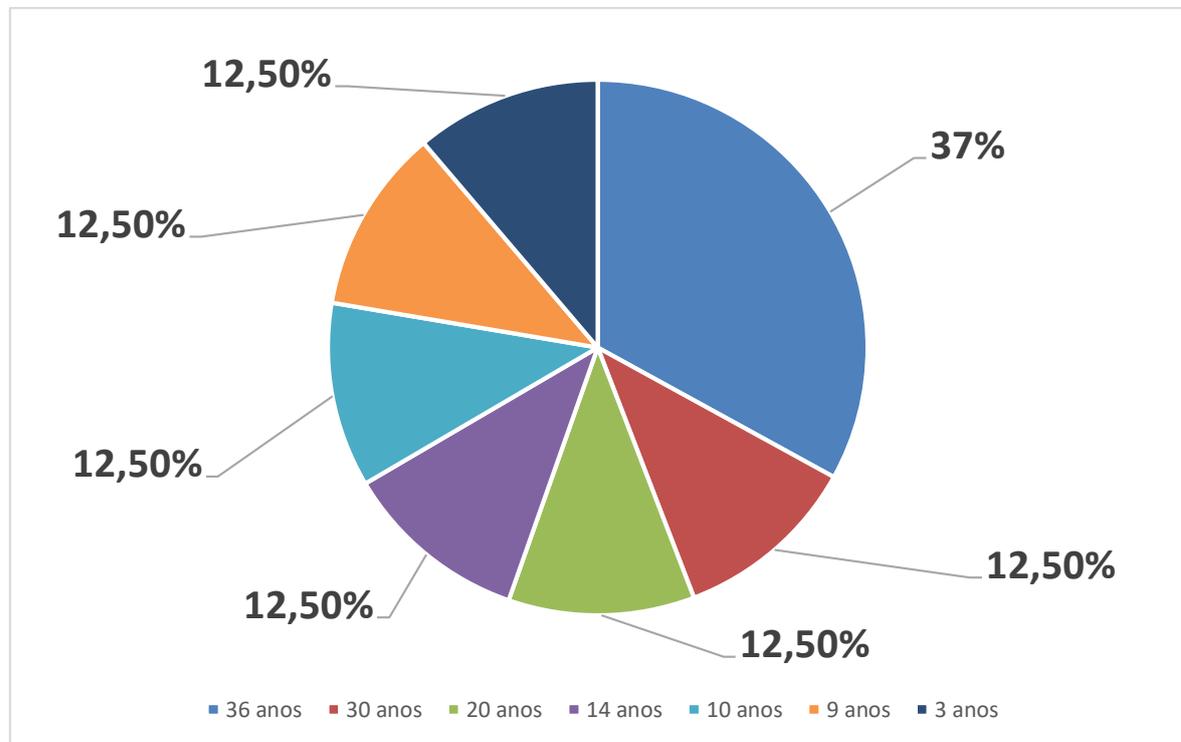
GRÁFICO. 01 – Resultados referentes à primeira pergunta do questionário aplicado aos professores: Qual a sua formação?



Fonte: Autora, 2019.

A primeira questão presente no questionário indagou acerca da formação acadêmica dos professores que participaram da referente pesquisa. O professor “A” é graduado em História pela UEPB, já os professores “B, C, D, E, e F” são graduados em Letras – Português. O professor “G” é graduado em Letras – Inglês e o professor “H” é Mestre em Ciências da Educação.

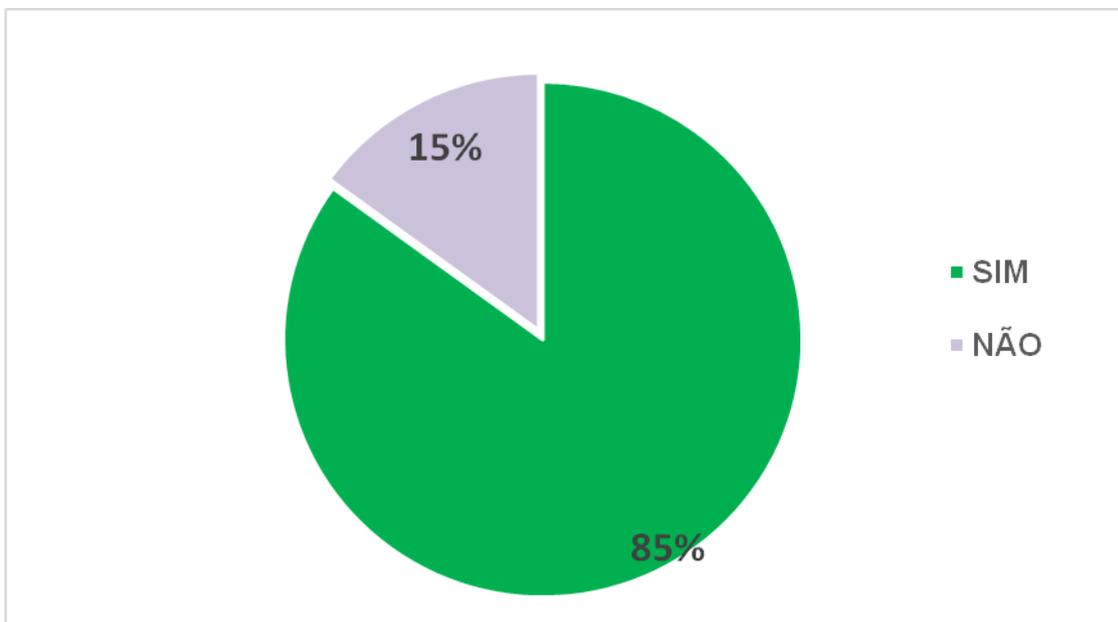
GRÁFICO 02 – Referente à segunda questão: Há quanto tempo leciona?



Fonte: Autora, 2019.

Referente ao tempo em que cada docente leciona, o professor “A” relatou que ensina há 30 anos, enquanto os professores “B e C” lecionam há cerca de 36 anos. O professor “D” ensina há 14 anos, o “E” leciona há 10 anos e o “F” leciona há cerca de 20 anos. Por fim, o professor “G” leciona há 9 anos e o “H” há 3 anos.

GRÁFICO 03 – Resultado referente à terceira questão do questionário aplicado aos professores: Você sabe o que é o Bullying? Sabem reconhecer casos de Bullying?



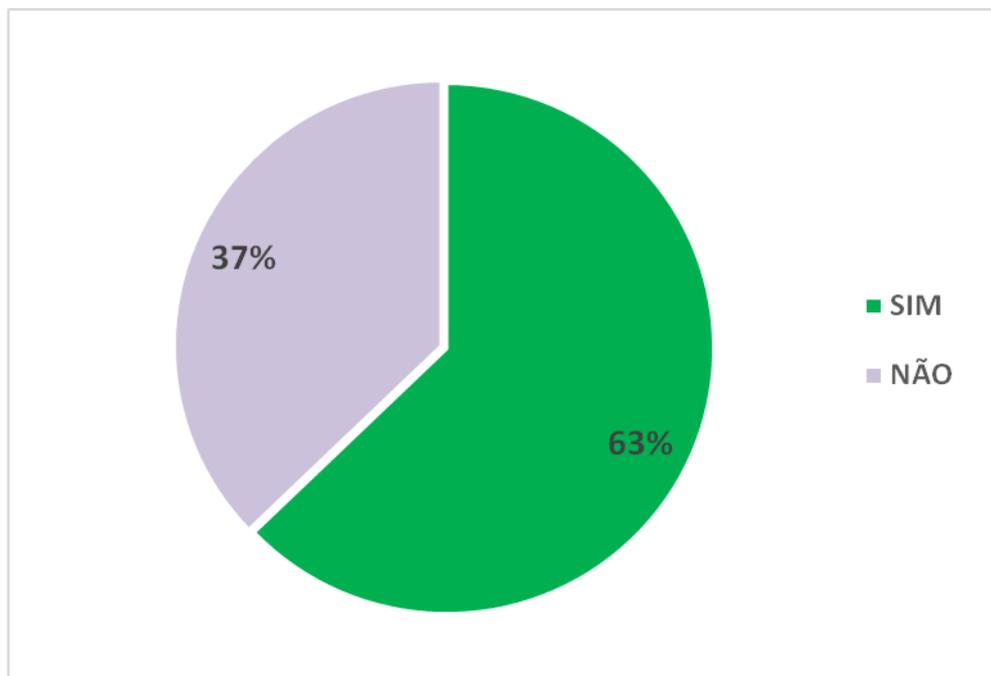
Fonte: Autora, 2019.

Sabemos que o conhecimento acerca do tema é algo que se faz necessário para que haja uma interferência diante situações de bullying. Na escola em estudo, 85% dos professores que responderam sabem o que é Bullying e conseguem identificar esses casos em suas salas de aula. Como relata o professor “E”: “Sim, são práticas de atos violentos intencionais contra uma pessoa indefesa. Percebo quando alguém está apelidando ou com piadinhas de péssimo gosto com outra pessoa”;

O professor “G” afirma: “Sim, através de atitudes verbais, agressões físicas que ocorrem de forma espontânea no cotidiano das pessoas...”. O professor “B” também afirma: Sim. No meio escolar fica fácil reconhecer quando uma criança passa por esse transtorno”, já o professor “F” nos diz que: “Sim! Através de comportamento de recusa do aluno...”.

Outros 15% dos docentes disseram que não são todas as vezes que os mesmos conseguem identificar casos de bullying, assim como nos relata o professor “C”: “Sim. Às vezes é possível identificar”. A partir disso, compreendemos que, apesar da grande maioria dos docentes possuírem essa informação acerca do tema, infelizmente, ainda há profissionais que possuem dificuldades para identificar a intimidação sistemática nas salas de aula, como mostra o gráfico acima.

GRÁFICO 04. Referente à quarta questão do questionário aplicado aos professores: Em sua sala de aula já houve casos de Bullying? Se sim, descreva como aconteceu e diga qual foi sua atitude.



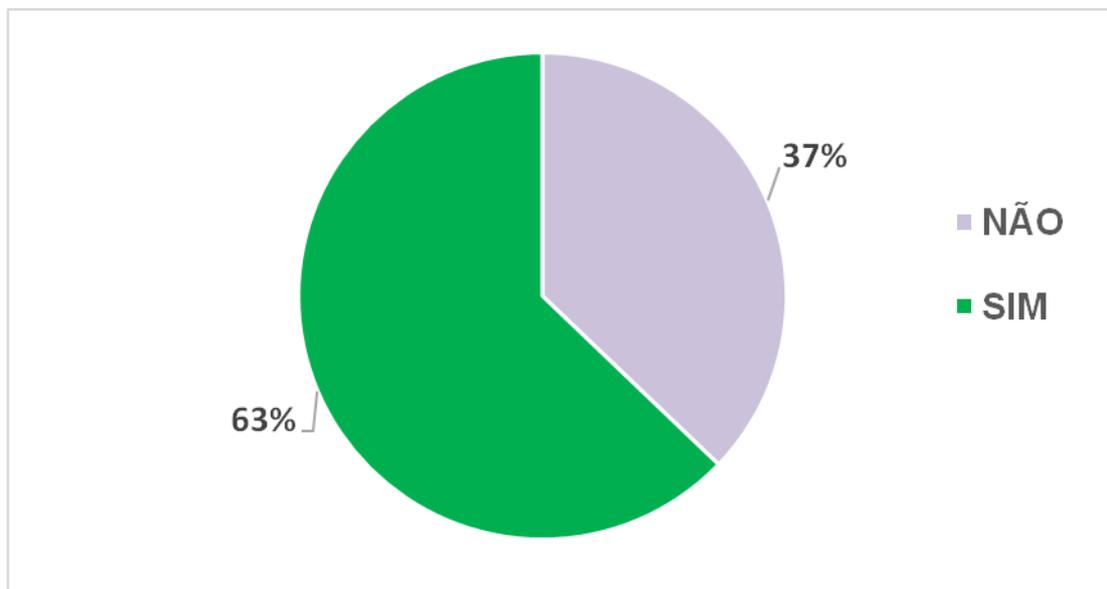
Fonte: Autora, 2019.

Referente à quarta questão presente no questionário, 63% dos docentes afirmaram que já presenciaram fatos que, para eles, caracterizavam o bullying. Sobre suas atitudes em relação aos casos de Bullying, o professor “C” relata o seguinte: “Sim. Apelidos e xingamentos. Tento amenizar com conversa informal em sala e com pedidos de desculpa entre eles”.

O professor “D” afirma: “Sim. Penso da seguinte forma: o professor em sala de aula presencia de tudo, se disser que não estará omitindo. Certa vez, o aluno estava apelidando um colega desde o intervalo e entrou na sala com a mesma atitude. Então chamei a atenção do mesmo dizendo que ele estava errado. Então o obriguei a pedir desculpas ao colega, e orientei que não fizesse mais isso”. Já o professor “E” declara: “Sim. Quando uma aluna chamou o colega de macaco e eu chamei a atenção e fui explicar para o mesmo o que significava a palavra macaco”.

Os demais professores que já presenciaram atitudes errôneas como estas disseram que realizam conversas informais com os praticantes e os direciona à direção. Outros 37% afirmam que não presenciaram nenhum caso de bullying em suas salas de aula. Um fato que nos deixa alerta é que, na maioria das respostas, os professores associam as “brincadeiras de mau gosto” como apelidos, xingamentos, gestos obscenos, entre outras ações errôneas realizadas por parte dos alunos, ao bullying. Cabe ressaltar que nem sempre atos como esses caracterizam o bullying, o que reforça ainda mais a necessidade de preparação dos professores para que os mesmos não apresentem dificuldade para identificar o fenômeno.

GRÁFICO 05. Referente à sexta questão do questionário aplicada aos professores: Tem conhecimento sobre as Leis 13.185/15 e 13.663/18? O que trazem em seu contexto?

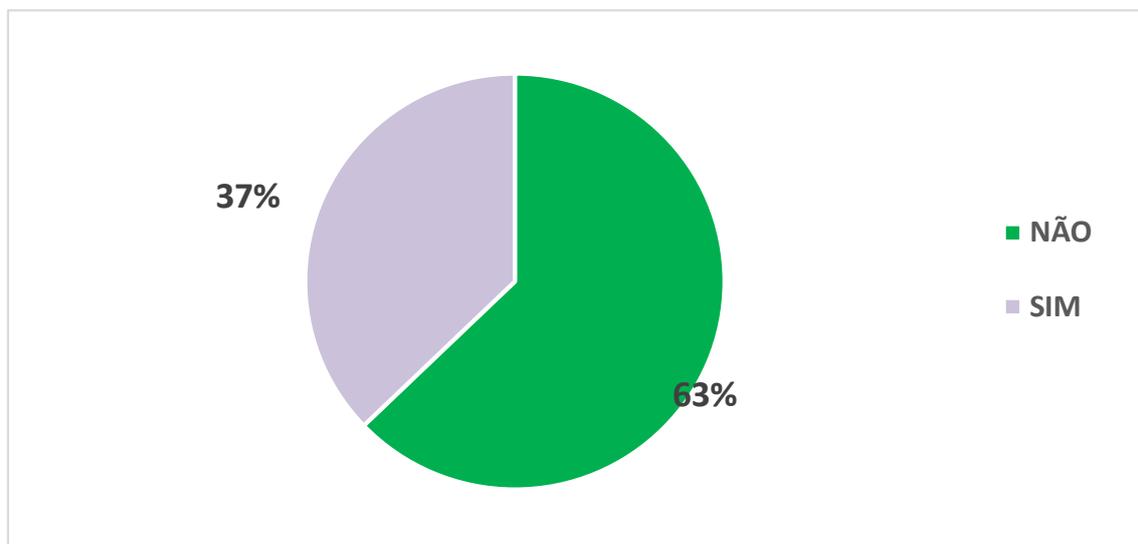


Fonte: Autora, 2019.

Outra indagação pertinente foi acerca do conhecimento sobre as leis antibullying. Pode-se observar que 63% dos docentes afirmaram ter algum conhecimento acerca da legislação de prevenção contra o bullying, como afirma o professor “E”: “É a lei que obriga as escolas a adotarem medidas de combate ao bullying. A lei traz um grande benefício para a sociedade”. O professor “D” diz: “Sim. Essa lei visa combater a intimidação sistemática no Brasil” e o professor “F”: “Tenho. É acerca da intimidação e combate”.

No entanto, 37% dos professores afirmaram que ainda não tiveram acesso às informações sobre essa legislação que é uma das mais importantes ferramentas na luta contra esse mal. Isso só traz à tona o fato de que os profissionais não recebem por parte do governo a capacitação estabelecida pela lei. Como já foi dito, ela traz em seu contexto propriamente no art. 4º, inciso II, o seguinte: “capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema” (BRASIL, 2015). A partir disso, podemos perceber uma falha gravíssima existentes nas leis que é a falta de preparação dos docentes para lidar no dia a dia com situações claras referentes à intimidação sistemática.

GRÁFICO 06. Resultados referente à sétima questão aplicada aos professores: Nesta escola existe algum programa de prevenção e combate ao bullying? Caso tenha, como funciona?



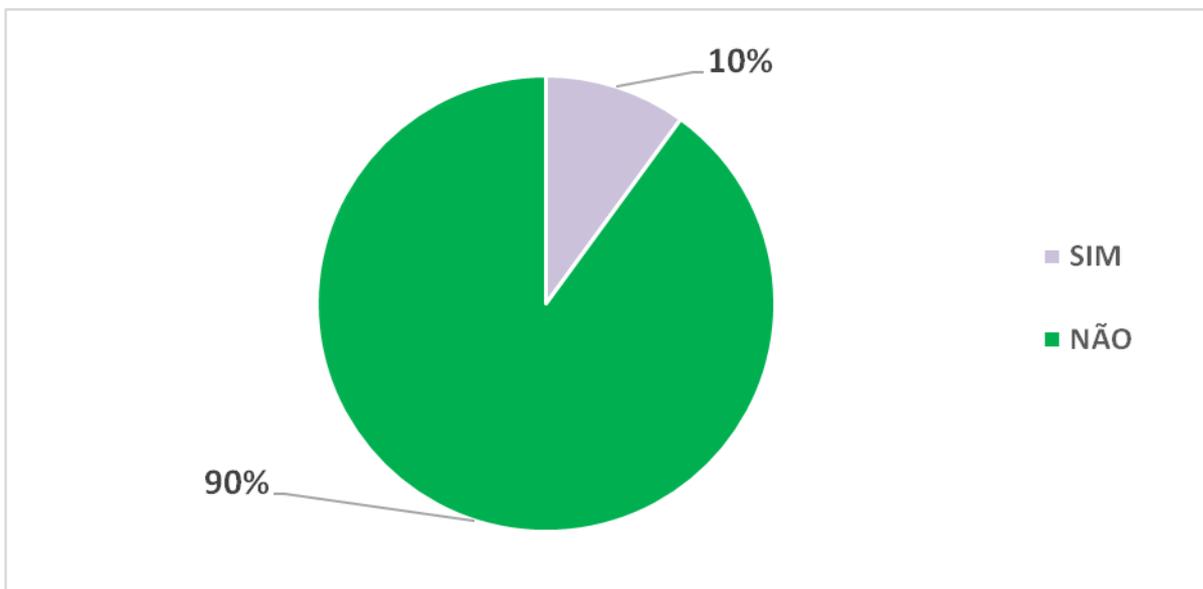
Fonte: Autora, 2019.

Associado ao que foi visto no gráfico 06 (seis), percebe-se uma contraposição nas respostas dos docentes da instituição, já que 63% afirmaram que não existem programas de prevenção contra o bullying na escola. Contudo, outros 37% declararam que existem programas executados pela instituição.

Sobre isso, o professor “D” afirma: “Sim. Na escola temos palestras de conscientização e orientação para os discentes e os docentes”, enquanto o “A” diz que: “A direção junto com a escola promove discussões sobre o assunto, melhorando o comportamento dos alunos”. O professor “G” relata o seguinte: “Sim. Vários programas já foram desenvolvidos todos os anos juntamente com o CRAS, Secretária de educação e Serviços Sociais da cidade. Todos os anos são desenvolvidas inúmeras ações e propostas pedagógicas que visam ao combate a esse tipo de violência...”, ou seja, os programas se dão, no máximo, duas vezes por ano, fruto da parceria entre a escola e setores distintos.

Nessas ocasiões, executam-se palestras com a presença de profissionais, como psicólogos, além de outros indivíduos que estão envolvidos em campanhas como o “Setembro amarelo” que é um momento especial onde se busca conscientizar contra o ato de tirar a própria vida. Novamente, fica visível outra falha na lei 13.185/15: a falta de fiscalização por parte do Governo Federal e Municipal para com a eficácia da escola em relação à prevenção e combate ao bullying.

GRÁFICO 07. Referente à oitava questão do questionário aplicada aos professores: Já desenvolveu em suas aulas um planejamento específico pedagógico para combater o bullying?



Fonte: Autora, 2019.

Analisando o gráfico 7, é visível que há uma falta de planejamento por parte dos professores e também da gestão escolar em relação à prevenção ao bullying. Observamos que 90% dos docentes não desenvolvem nenhum planejamento pedagógico capaz de conscientizar e prevenir ações de intimidação entre os alunos. Apenas 10% dos educadores já desenvolveram atividades pedagógicas capazes de interferir no aumento desta violência na sala de aula, conforme relata o professor “G”: “Fiz um projeto intitulado como: Diga não ao bullying e sim ao respeito às diferenças, pois ainda há muito preconceito de todas as formas dentro e fora do espaço escolar, sendo o principal deles a violência causada pelas práticas do bullying, inclusive na própria família e na escola. Foi um resultado satisfatório, mas não o esperado devido à falta de amadurecimento das ideias de respeito às diversidades”. Ademais, o professor “D” afirma o seguinte: “Estou sempre atento a estas questões nas minhas aulas. Sempre conscientizo os alunos a tratar o colega da melhor forma e isso faz parte dos meus planos de aula. Trabalho com educação, respeito e cidadania.”.

A gestão escolar afirma que a intervenção se dá através de conversas “sérias” que acontecem quantas vezes forem necessárias entre a diretora ou a vice-diretora e os praticantes. Segundo ela, quando as conversas não causam os efeitos esperados são tomadas decisões como as de mandar o aluno para casa só permitindo sua volta com a presença de responsáveis. A partir daí, ocorre um diálogo com os responsáveis para os deixarem por dentro da situação. Na maioria das vezes, não se alcança nenhum resultado, já que a maioria dos responsáveis não sabe o que é o tal fenômeno, demonstrado a total falta de informação da família em relação ao bullying.

TABELA 02. Súmula das principais respostas dos professores frente à nona questão:

	RESPOSTAS		
QUESTÃO 9:	PROFESSOR “A”	PROFESSOR “B”	PROFESSOR “C”
QUAIS AÇÕES VOCÊ CONSIDERA EFICAZES E IMPORTANTES PARA A PREVENÇÃO AO BULLYING?	“Instituir práticas de condutas e orientação de pais e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores”.	“O diálogo com as famílias, professores, e alunos. Promover palestras etc.”	“Penso que a conscientização, o respeito, é o melhor caminho. Orientar na escola é um grande passo e saber o que o bullying pode acarretar se faz necessário dentro e fora da escola”.
	PROFESSOR “D”	PROFESSOR “E”	PROFESSOR “F”
	“O apoio da família, ou melhor, a presença da família ou responsáveis na escola. Palestras abordando esse tema e projetos elaborados nas escolas com um acompanhamento dos conselheiros tutelares”.	“Palestras e projetos pedagógicos.”	“Primeiramente, insistir na elaboração e execução de projetos básicos que visem a trabalhar a educação comportamental no âmbito familiar, principalmente as famílias mais desestruturadas e um envolvimento dos poderes públicos que dialoguem com as pessoas a fim de eliminar a distância existente entre os segmentos. Talvez isso mude mais as práticas e ações de combate a esse tipo de violência”.
	PROFESSOR “G”	PROFESSOR “H”	
	“Que o MEC desenvolva medidas para enfrentar ações de violências nas escolas.”	“Diálogos, palestras e projetos pedagógicos sobre o conteúdo.”	

Autora, 2019.

De acordo com as respostas relacionadas à nona questão presente no questionário, percebe-se que a maioria dos docentes da Escola Municipal Professora Lia Beltrão, ao serem indagados sobre quais ações eles consideram importantes para que se previna e combata o Bullying, afirmaram que é de grande importância que haja uma aproximação entre a família e a comunidade escolar para que, dessa forma, surja o apoio por parte da família para com a instituição. Além disso, afirmaram, também, que é de grande relevância a inserção de práticas de orientação através de palestras e a importância de elaboração e execução de projetos básicos que visem a trabalhar a educação comportamental no âmbito escolar, assim como reafirmar a necessidade do envolvimento dos gestores públicos com os educadores para que dialoguem e consigam trabalhar em conjunto.

4. ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO

Como já foi exposto, o fenômeno Bullying é uma forma expressiva de violência que acarreta consequências sérias para a vida de um indivíduo. Assim sendo, precisa ser identificado e tratado como um grande mal que vem adoecendo a nossa sociedade, o que torna imprescindível o seu combate.

No processo de combate ao Bullying, as instituições de ensino possuem um papel muito importante pelo fato de que é dentro do meio educacional que se encontra um alto índice de acontecimentos referentes a essa violência:

E necessário às escolas, inicialmente, reconhecer a existência do bullying (em suas diversas formas) e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e para a estruturação da personalidade de seus estudantes. Bullying é um fato e não dá mais para botar panos quentes nas evidências (SILVA, 2015, p. 162)

Segundo Silva (2015), “as atitudes das escolas perante o fenômeno bullying ainda se encontram em fase embrionária”. Podemos observar que a grande maioria dos educadores e também outros profissionais que estão ligados ao meio escolar ainda não consegue identificar de forma clara e assertiva esta violência entre os educandos:

O bullying é antes de tudo, uma forma específica de violência. Sendo assim, deve ser identificado, reconhecido e tratado como um problema social complexo e de responsabilidade de todos nós. Neste sentido, a escola pode e deve representar um papel fundamental na redução desse fenômeno, por meio de programas preventivos e ações combativas nos casos já instalados. Para isso, é necessário que a instituição escolar atue em parceria com as famílias dos alunos e com todos os setores da sociedade que lutam pela redução da violência em nosso dia a dia. Somente dessa forma seremos capazes de garantir a eficácia de nossos esforços. (SILVA, 2015, p. 161)

Por ser uma violência que envolve inúmeros fatores e que não existem soluções simples nem um único modo para lidar, é de suma importância que a escola se mostre ciente de sua responsabilidade perante a sociedade. Assim sendo, busca-se desenvolver alternativas que combatam a intimidação sistemática de forma efetiva. Temos como exemplo a definição de estratégias que possam prevenir e combater o bullying vindo a transformar o ambiente escolar, além de oferecer capacitação aos seus profissionais para que sejam capazes de “cortar o mal pela raiz”.

Nesse sentido, foram elaboradas algumas estratégias adaptadas à realidade da escola Professora Lia Beltrão baseadas em um programa de prevenção e combate ao bullying desenvolvido pela professora Cleo Fante (2005): o programa Educar pela Paz que tem como principal objetivo erradicar esse fenômeno das nossas escolas e disseminar a cultura da paz nas mesmas.

As estratégias abaixo podem ser usadas como ferramentas em projetos que visem prevenir o bullying escolar:

ESTRATÉGIA 1

Disponibilizar capacitação para os docentes e demais profissionais da instituição escolar através de palestras com profissionais, realização de planejamento a cada dois meses para que se busquem novas formas de intervenção nas aulas e elaboração de materiais que possam informar e conscientizar os docentes acerca da necessidade de prevenir e combater o bullying.

ESTRATÉGIA 2

Criar uma comissão de apoio formada por, no mínimo, 4 pessoas, entre elas podem estar alunos e profissionais que exercem qualquer função dentro da escola. Depois de terem recebido capacitação e orientação de como agir em questões do bullying, serão responsáveis por fiscalizar as ocorrências nas turmas, orientar os educandos que insistirem em praticar a intimidação sistemática e dá apoio moral aos vitimizados. As equipes de apoio deverão ser trocadas a cada mês para que, dessa forma, todos os envolvidos no meio escolar possam participar da luta contra o bullying.

ESTRATÉGIA – 3

Estimular a criação de um conjunto de regras definidas pelos próprios educandos que definirão formas corretas de agir em relação à convivência com os pares dentro da escola, além de dá ênfase aos valores éticos necessários para uma boa relação com a sociedade escolar.

ESTRATÉGIA – 4

Estabelecer, no mínimo, 2 (dois) dias por mês para que haja um trabalho de conscientização do meio escolar composto por:

- Atividades em sala de aula que conscientizem e demonstrem a importância dos valores éticos como o amor ao próximo, empatia, respeito às diferenças, generosidade, entre outros;
- Confeção de materiais feitos pelos alunos para que sejam expostos por toda a escola, como as leis, as causas e exposição de casos de bullying que ocorreram no meio escolar, bem como demonstração do que ocasionaram;
- Oficinas com trabalhos desenvolvidos pelos alunos acerca do tema;
- Apresentações teatrais realizadas pelas turmas;
- Abrir um espaço para os alunos que se sentirem à vontade para dissertar sobre suas experiências causadas pelo bullying.

ESTRATÉGIA – 5

Criar um disque-denúncias, disponibilizar locais para que sejam depositados bilhetes ou cartas onde os alunos farão suas denúncias de forma anônima acerca de casos de bullying que estejam acontecendo nas salas de aula. O referido material deverá ser analisado por integrantes da comissão de apoio. A partir disso, deverão ser tomadas as devidas atitudes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos questionar o fato de que a intimidação sistemática vem tomando proporções gigantescas em nossa sociedade. Infelizmente, as nossas escolas têm se mostrado incapazes de interferir de forma positiva no combate às ações errôneas e antissociais advindas desse fenômeno. Com isso, estamos presenciando a transformação do ambiente escolar em um palco onde um dos principais personagens se define como bullying.

A escola precisa ser considerada como uma extensão do meio familiar, ou seja, um lugar onde nossas crianças e jovens sintam-se seguros e estejam cercados de condições necessárias para seu desenvolvimento mental, afetivo e social. Para tanto, a mesma precisa exercer suas responsabilidades perante a sociedade tratando esse tipo de violência como algo sério e capaz de destruir vidas. Com isso, precisamos desenvolver fatores que impeçam que algo desse tipo aconteça em seu meio.

A realização deste estudo foi muito importante e gratificante, pois depois de vivenciar a realidade da Escola Municipal Professora Lia Beltrão torna-se fácil enxergar o quanto é indiscutível a necessidade de medidas que transformem e permitam a boa convivência entre os educandos para que eles consigam entender a sua importância na vida dos seus pares.

A escolha do tema *Bullying escolar: uma proposta de prevenção e combate ao bullying na Escola Municipal Professora Lia Beltrão em Alagoinha – PB* se deu pelo fato dos inúmeros relatos de casos desse fenômeno nesta escola. A partir disso, o principal objetivo foi propor estratégias de prevenção e combate que sejam uma ferramenta para transformar este ambiente escolar de grande demanda em um local que haja a paz entre os indivíduos, alcançado, assim, nosso objetivo.

Acerca dos resultados obtidos na pesquisa, cabe a nós relatar que foram importantes para que pudéssemos exercer as reflexões e tomar as providências necessárias para eliminar o bullying no meio escolar. Foram identificadas sérias questões que impedem a erradicação desse tipo de violência, tais como: a falta de preparação dos docentes (o que resulta na escassez de planejamentos centrados na prevenção do bullying) e a não existência de programas preventivos, o que preocupa um pouco mais, pois sem eles não será possível dá um basta à intimidação sistemática.

Para a realização da referida pesquisa, levantamos a seguinte hipótese: mesmo com a existência de Leis que obrigam às instituições a elaborarem seus próprios projetos de prevenção, muitas delas não os fazem em razão das lacunas existem nas leis antibullying. Isso se confirma ao analisarmos os resultados das questões 5 e 7 referente ao questionário (ver em anexo) aplicado aos docentes na Escola Professora Lia Beltrão. Isto posto, surge a dúvida: por que a instituição estudada ainda não elaborou suas propostas de prevenção se é exigido pelas Leis 13.185/15 e a 13.663/18?

Acreditamos que isso esteja acontecendo por razão da falta de fiscalização severa por parte do Governo Federal que, ao invés de estipular a criação de equipes compostas por indivíduos preparados para fiscalizar de forma rígida as ações das instituições de ensino, apenas estabelece que criem seus projetos deixando-as à vontade para realizar esta obrigação quando bem entenderem. Infelizmente, isso faz com que as leis antibullying tornem-se apenas a parte teórica dessa situação. É necessário que essa questão divida-se entre a teoria e a prática.

Baseado nisso, fica claro que se houver uma fiscalização severa por parte do governo e também a conscientização das escolas em cumprir as leis existentes, alcançaremos um extraordinário resultado e conseguiremos, portanto, dá um basta a essa violência que tanto fere nossas crianças e adolescentes, erradicando-a das nossas escolas para promover, assim, uma educação capaz de transformar os indivíduos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 13.185 de 6 de Novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm. Acesso em: 27 de out. de 2019.

_____. Lei nº 13.663 de 14 de Maio de 2018. Altera o art. 12 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm. Acesso em: 27 de out. de 2019.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da amizade: bullying o sofrimento das vítimas e dos agressores**. 3ª ed. São Paulo: Gente, 2008.

COMBATE AO BULLYING. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/893/ericdebarbieux-fala-sobre-o-combate-ao-bullying>. Acesso em: 21 de out. de 2019.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa. Busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, p.101, 1998.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

O GLOBO. Relatos de pessoas que sofreram bullying na escola. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/veja-aqui-outros-relatos-de-pessoas-que-sofreram-bullying-na-escola-3122758>. Acesso em: 27 de out. 2019.

PESSOA, Marcos. 6 casos de Cyberbullying que tiveram um final trágico. Disponível em: <https://marcuspeessoa.com.br/6-casos-de-cyberbullying-que-tiveram-final-tragico/>. Acesso em: 27 de out. 2019.

SANTOS, Maradélia Adriano dos. **Violência simbólica no contexto escolar: (Licenciatura em Pedagogia)**. Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/handle/10483/3205>. Acesso: 13 de out. de 2019.

SANTOS, Helena Alves dos. **Estratégias de prevenção e combate ao Bullying nas aulas de educação física no Colégio Estadual Tiradentes, Mimoso de Goiás - GO**. 2012. 52 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física). Pró-Licenciatura da Universidade de Brasília – Polo Ceilândia, DF. Disponível em:

http://www.bdm.unb.br/bistream/2012_MariaHelenaAlvesdosSantos. Acesso em: 21 de out. de 2019.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Bullying: mentes perigosas na escola*. 2ª ed. São Paulo: Globo, 2015.

VEJA. Menina que sobreviveu a câncer se suicida após sofrer bullying. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/menina-que-sobreviveu-a-cancer-se-suicida-apos-sofrer-bullying/>. Acesso em: 27 de set. de 2019.

ANEXO A – CARTA DE ENCAMINHAMENTO



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III – GUARABIRA

CARTA DE ENCAMINHAMENTO

À Diretora do EM Professora Lia Beltrão, do município de Alagoinha-PB

Assunto: Pesquisa de Conclusão de Curso “Bullying na Escola: uma proposta de prevenção e combate ao Bullying na Escola Municipal Professora Lia Beltrão”

Prezados,

Vimos por meio deste, apresentar a pesquisa sobre Prevenção e Combate ao Bullying Escolar, coordenada pela professora Rônia Galdino da Costa, lotada no Departamento de Educação. Os objetivos são:

Objetivo Geral

- Sugerir estratégias de prevenção e combate ao Bullying

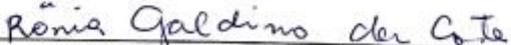
Objetivos Específicos

- Conceituar o bullying e reconhecer sua prática, entendendo como esse fenômeno se dá no ambiente escolar
- Compreender as leis 13.185/15 e 13.663/18
- Elaborar estratégias de intervenção, prevenção e combate ao bullying

Solicitamos a vossa colaboração quanto a coleta de dados sobre o referido trabalho acadêmico, com vistas a aperfeiçoar a formação da aluna Crislany Kelly da Silva Santos, do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Humanidades da UEPB, contribuindo para a sua pesquisa de conclusão de curso.

Grata pela atenção e contando com o vosso apoio.

Guarabira-PB, 26 de outubro de 2019



Prof.a. RÔNIA GALDINO DA COSTA
Departamento de Educação – Centro de Humanidades/UEPB

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO



QUESTIONARIO DE PESQUISA DE CAMPO

Data de preenchimento do questionário: ____/____/____.

Sexo: () Masc. () Fem. Idade:_____.

1. QUAL A SUA FORMAÇÃO?

2. HÁ QUANTO TEMPO LECIONA?

3. VOCÊ SABE O QUE É O BULLYING? SABE RECONHECER CASOS DE BULLYING?

4. EM SUA SALA DE AULA JÁ HOVE CASOS DE BULLYING? SE SIM, DESCREVA COMO ACONTECEU E DIGA QUAL FOI SUA ATITUDE.

5. CONSIDERA A ESCOLA UM LUGAR PROPÍCIO PARA A OCORRÊNCIA DO BULLYING? POR QUÊ?

6. TEM CONHECIMENTO SOBRE LEI 13.185/15? O QUE ELA TRAZ EM SEU CONTEXTO?

7. NESTA ESCOLA EXISTE ALGUM PROGRAMA DE PREVENÇÃO E COMBATE AO BULLYING? CASO TENHA, COMO FUNCIONA?

8. JÁ DESENVOLVEU EM SUAS AULAS UM PLANEJAMENTO PEDAGÓGICOS ESPECÍFICO PARA COMBATER O BULLYING? SE SIM, QUAIS FORAM OS RESULTADOS?

9. QUAIS AÇÕES VOCÊ CONSIDERA EFICAZES E IMPORTANTES PARA A PREVENÇÃO DA INTIMIDAÇÃO SISTEMÁTICA (BULLYING)?

ESTIMADO (A) PROFESSOR (A), OBRIGADA PELA DISPONIBILIDADE!